

Considerações sobre a iconografia sacra e os Jesuítas na modernidade*

*Sezinando Luiz Menezes***

Resumo. O texto apresenta os três artigos que compõem a sessão mesa redonda da presente edição da Revista Diálogos. Nesta apresentação, procura-se ressaltar que o vigor dos estudos historiográficos sobre a Igreja e, especialmente, sobre a Companhia de Jesus, verificado desde as últimas décadas do século XX, resulta da superação de paradigmas construídos ainda no século XVIII, que predominaram na historiografia até meados do século passado.

Palavras-chave: Companhia de Jesus; Expansão ultramarina; Fontes iconográficas.

Sacred iconography and the Jesuits in the modern age

Abstract. The paper presents the three articles that comprise the Round Table in this issue of the *Revista Diálogos*. They underscore that the strength of the historiographical studies on the Church and especially on the Society of Jesus as from the last decades of the 20th century exceeded the paradigms constructed in the 18th century and which predominated in historiography up to mid-20th century.

Keywords: Company of Jesus; Overseas expansion; Iconographic sources.

Consideraciones sobre la iconografía sacra y los jesuitas en la modernidad

Resumen. El texto presenta los tres artículos que integran la Sesión Mesa Redonda de la presente edición de la Revista Diálogos. En esta presentación, se busca resaltar que el vigor de los estudios historiográficos sobre la Iglesia, y especialmente sobre la Compañía de Jesús, constatado desde las últimas décadas del siglo XX, resulta de la superación de los paradigmas construidos

* Artigo recebido em 30/06/2014. Aprovado em 15/07/2014.

** Professor do Programa de Pós-Graduação em História da UEM, Maringá/PR, Brail. E-mail: sl.menezes@uol.com.br

durante el siglo XVIII, que dominaron la historiografía hasta mediados del siglo pasado.

Palabras Clave: Compañía de Jesús; Expansión ultramarina; Fuentes iconográficas.

Uma característica editorial da Revista Diálogos que se mantém desde sua criação é a apresentação da sessão “Mesa Redonda”. Neste número, a revista apresenta, neste espaço, três artigos que analisam questões que se relacionam à Igreja e à ação da Companhia de Jesus nas conquistas Ibéricas da época moderna; mais uma vez, pois em seu volume 13, número 2, publicada em 2009, a Diálogos já havia apresentado uma mesa redonda sobre os Jesuítas. No entanto, naquela ocasião, os pesquisadores do Conicet, da Argentina, professores Ernesto J.A Maeder, Maria Laura Salinas e Ignacio Telesca, analisaram as missões e colégios da Companhia de Jesus nos territórios espanhóis da América do Sul nos séculos XVII e XVIII. Desta feita, embora o eixo permaneça sendo a história da Igreja na modernidade e, especialmente da Companhia de Jesus, os estudos referem-se a um espaço geográfico que vai da Europa às “conquistas portuguesas” na América e no Oriente.

Os estudos sobre a Igreja e, especialmente, sobre a Companhia de Jesus, no mundo lusitano da Época Moderna têm, desde os anos 1980 do século passado, aumentado significativamente. Com isso não pretendemos afirmar que, até então, a história do cristianismo e da presença dos jesuítas no Reino e nas conquistas portuguesas não mobilizassem os estudiosos. No entanto, predominava nos estudos historiográficos, uma polarização. De maneira em geral, os estudos ou eram laudatórios, comprometidos com uma “defesa” da ação da Igreja como, por exemplo, a monumental obra de Serafim Leite sobre a história da Companhia de Jesus no Brasil, ou eram estudos tributários do iluminismo do século XVIII, fazendo a crítica à atuação daqueles missionários.

A obra de Serafim Leite, *A História da Companhia de Jesus no Brasil*, é um trabalho erudito e embasado em uma profunda pesquisa documental e, ainda hoje, uma referência fundamental para o estudioso da história dos jesuítas no Brasil. No entanto, sua maior limitação, da mesma forma que a *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, de Francisco Rodrigues, outra obra que também é imprescindível para o estudo da Companhia de Jesus, consiste na identificação dos autores com seus objetos de estudos. Ou seja, a causa dos jesuítas é a causa de Serafim Leite e de Francisco Rodrigues. Esses são estudos comprometidos com a Companhia de Jesus e com a sua atuação, sem o necessário distanciamento crítico. Como resultado de tal comprometimento, os escritos assumem, muitas vezes, características apologéticas e transformam a ação da Companhia de Jesus em uma epopeia a serviço da fé.

Em sentido oposto, estão os estudos que assumiram a perspectiva do iluminismo e, em Portugal, do Pombalismo. Como sabemos, a realização dos ideais de liberdade e igualdade professados pelo iluminismo do século XVIII implicavam no combate às formas de poder institucionalizadas no antigo regime e na rejeição do poder da Igreja. Convém lembrar que o iluminismo é anticlerical, mas não necessariamente antirreligioso.

No contexto do afloramento dos ideais iluministas do século XVIII, a instituição Igreja e a perspectiva religiosa tornam-se adversárias a serem derrotadas. Ressalte-se que não estamos a criticar a luta dos iluministas pela laicização da sociedade. Ao contrário, consideramos a luta daqueles homens absolutamente importante na moldagem do mundo ocidental da forma como tal o conhecemos hoje. No entanto, ao assumir a luta do Pombalismo pela reforma da sociedade portuguesa ocorrida na segunda metade do século XVIII, parte da historiografia dos séculos XIX e XX alinhou-se a uma perspectiva que teve na “demonização” da Companhia de Jesus seu ponto mais saliente e, por outro lado, tornou absolutamente necessário àqueles que estavam

comprometidos com os valores e ações dos jesuítas a defesa intransigente da ordem. Ambas as posições, repito, hegemônicas, mas não únicas, levaram o historiador a posição de um juiz que olha para a história para julgá-la mais do que para compreendê-la.

Nosso intuito não é fazer uma análise dessa historiografia tradicional, o que pretendemos aqui é ressaltar o vigor dos estudos historiográficos sobre a igreja moderna, e especialmente sobre os jesuítas, que, a reboque da renovação dos estudos historiográficos que tem acontecido nas últimas décadas, têm incorporado novas fontes e apresentado novas abordagens que vão além das características internas e da ação catequética dos inacianos ou de uma postura laudatória ou de condenação. Assim, a renovação dos estudos historiográficos sobre a Igreja nas conquistas ibéricas tem aberto caminhos que alargaram o campo do historiador.

Os três artigos que compõem essa mesa redonda expressam tanto esse vigor historiográfico, com, por exemplo, a utilização de fontes icnográficas, quanto à diversidade de possibilidades interpretativas. Os artigos escritos pelos professores doutores Celia Tavares e Guilherme Amaral Luz apresentam reflexões construídas a partir de fontes icnográficas; o outro artigo que completa a mesa redonda, de autoria do professor doutor Fábio Eduardo Cressoni, tem como foco a presença e representação simbólica do demônio na catequese jesuítica.

O artigo de Célia Tavares, **Gentilismos assimilados: a influência hindu nas representações de imagens católicas em Goa do século XVII**, analisa imagens de santos produzidas em marfim por artesãos goeses. Tais estatuetas, segundo Tavares, eram feitas por encomenda, em Goa, e destinavam-se à devoção privada, no interior das casas. Ainda segundo Tavares, as estatuetas de marfim são marcadas por “elementos da tradição hindu”. No entanto, parece que “as autoridades religiosas” portuguesas não atentaram ao

que a historiadora denomina de “gentilismo assimilado”, pois, segundo ela, “gentilismo” era a forma como as autoridades religiosas cristãs se referiam à persistência de elementos culturais tradicionais nas populações convertidas ao cristianismo. Ou seja, não era incomum que “tanto indígenas, no litoral do Brasil, quanto populações indianas na cidade de Goa e arredores, por exemplo, depois de batizados e, em geral, levemente doutrinados, na maior parte das vezes por padres jesuítas, tendiam a praticar a nova religião dentro dos parâmetros daquelas crenças em que haviam nascido, mas misturado à ritualística católica”. Assim, para a autora, o gentilismo não seria uma prática pagã, mas sim uma prática pagã “incorporada à ritualística católica e desenvolvida por convertidos ao catolicismo”. Em seu artigo, Tavares busca “os elementos culturais hindus que podem ser identificados em obras de artesãos de Goa sob os ditames da imagética católica, que poderia ser confundido com práticas de gentilismo”.

No entanto, com a difusão das estatuetas “foi permitido e legitimado que visíveis características da arte hindu impregnassem a imagética católica”. E esse fato ocorre em um momento de aumento tanto nas conversões quanto na repressão “às práticas gentílicas”.

Em, **Na boca do inferno: a América diabólica projetada pela Companhia de Jesus**, Fabio Cressoni apresenta uma análise inovadora de um tema tradicional. Utilizando como fonte a documentação produzida pelos inicianos, o autor analisa as “representações simbólicas construídas pelos missionários jesuítas acerca da suposta presença do Demônio na América portuguesa quinhentista”. Segundo o autor, o Caraíba, personagem identificado pela Companhia de Jesus como principal adversário da ação catequética, tornou-se, na construção de um lócus infernal específico na América portuguesa, a personificação dos males e, por conseguinte, foi eleito “o principal adversário das transformações propostas pela Companhia de Jesus”.

Ainda segundo Cressoni, a demonização do Caraíba decorre do deslocamento do demônio para a América junto com os europeus. Sendo assim, “a experiência herética difundida no Velho Mundo é recondicionada conforme a nova realidade experimentada”.

A partir da análise dos textos produzidos pelos jesuítas, Cressoni encontra uma associação “entre a demonização dos ritos relativos a forma de ser *Tupinambá* e a presença dos caraíbas”.

Em, **Universalidade, gestualidade, paixões: sobre a pintura religiosa nos seiscentos**, o artigo que completa nossa mesa redonda, a temática e a temporalidade mantêm-se as mesmas. No entanto, Guilherme Luz reflete sobre a pintura religiosa, no século XVII, e à semelhança do artigo de Celia Tavares, as fontes são icnográficas. Segundo o autor; “a Igreja tridentina tornou-se atenta (e vigilante) em relação às ‘implicações’ e as ‘significações’ da arte. Ao invés, no entanto, de buscar contornar o problema por meio da eliminação das imagens do cotidiano religioso, reafirmou os seus mais diversos usos, inclusive o controvertido uso devocional, liberando uma verdadeira profusão de representações visuais do sagrado. Cabia trazer os artistas e os patronos ao serviço da Igreja Militante e da Igreja Triunfante, fazer deles instrumentos de educação das massas e meios de difusão/propaganda da piedade católica”. Ainda segundo Guilherme Luz, a pintura, em conjunto com o teatro e a pregação, formaram “uma espécie de trindade inseparável na eloquência sacra da Igreja pós-tridentina”.

Passemos e apreciemos, então, a nossa mesa redonda.

Referências

- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2000.
- RODRIGUES, Francisco. *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Porto: Apostulado da Imprensa, 1931.